

Dislexia em sala de aula

Colégio Rio Branco, da Fundação de Rotarianos de São Paulo, promove palestras para professores com o objetivo de melhorar o aprendizado de crianças e adolescentes disléxicos.

A dislexia é um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, que afeta de 10 a 15% da população mundial, de acordo com informações da Associação Brasileira de Dislexia. Confundidos freqüentemente com má alfabetização, desatenção e até baixa inteligência, seus sintomas passam despercebidos nas salas de aula, onde a dislexia é a disfunção de maior incidência. Não são raros os casos de crianças e adolescentes que chegam até o ensino médio sem receber um diagnóstico preciso e tratamento adequado, comprometendo seu aprendizado e sua vida pessoal.

O papel da escola e dos professores é essencial para a identificação dos sintomas e no auxílio do tratamento do aluno disléxico. As duas unidades do Colégio Rio Branco, Higienópolis e Granja Vianna, têm promovido palestras e oficinas com especialistas para seus professores com o objetivo de melhorar as condições de aprendizado destes alunos.

“A partir destas palestras, nossos professores conhecem melhor a disfunção e sabem como atuar didaticamente, oferecendo estímulo, apoio e inclusão destes alunos na vida escolar”, explica Paulo Henrique Camargo Rinaldi, diretor-geral do Colégio Rio Branco.

A dislexia é genética, de caráter hereditário, e tem três tipos: auditiva, visual e mista, sendo esta a mais comum. Os sintomas são bastante específicos. A criança inverte letras e sílabas (como prato/parto), confunde letras e palavras semelhantes, na escrita (“p”, “b” e “q”) e no som (“f/v”, “t/d”). Além disso, sua leitura é bastante lenta e tem dificuldade para entender o que lê.

Quem tem o distúrbio também apresenta atraso no desenvolvimento da fala e linguagem, pobreza de vocabulário e dificuldade de memória. Um diagnóstico correto e preciso requer uma equipe multidisciplinar, envolvendo psicopedagogo, fonoaudiólogo, psicólogo, neurologista, oftamologista e audiologista.

De acordo com Susana Amaral, psicóloga da Clínica de Aprendizagem e Desenvolvimento, “a dislexia não tem cura, mas pode ser amenizada ao longo da vida. O papel dos professores é importantíssimo para dar continuidade ao trabalho do psicólogo”. Nas palestras que tem realizado nas unidades do Colégio Rio Branco, a especialista dá dicas aos docentes de como auxiliar no tratamento. Dar apoio e compreensão, evitar rótulos, estimular a leitura e a escrita, exigir a auto-correção dos erros ortográficos e entender os altos e baixos no aproveitamento são algumas ações que dão um suporte essencial ao tratamento do disléxico.

Como resultado deste trabalho conjunto no tratamento aos alunos disléxicos, em que os professores do Colégio Rio Branco recebem orientações e contam suas experiências aos psicólogos, os alunos ganham mais auto-estima e aumentam seu aproveitamento.

Fundação de Rotarianos de São Paulo

Assessoria de Imprensa: Ricardo Viveiros - Oficina de Comunicação

Jornalista Responsável: Patrícia Ribeiro (MTb 29.495)

Posto avançado: Tânia Ribeiro

Assistente: Flávia Lima

Tel.: 11-3675-5444;

e-mail: patricia.ribeiro@viveiros.com.br